

ABSTRACT

This research presents the communication of teachers and students of the second cycle of secondary education, in Luanda, in the districts of Sequele, Cazenga, Sambizanga, Viana, in the classroom and / or in the place of service. It emphasizes the existence of language and communication problems in schools in Luanda. To understand these conflicts, we try to emphasize the communication of the teacher and student in the classroom. The purpose is to clarify the language and communication used in the classroom as well as in the school grounds. The research topic allowed the researcher to reflect on the importance of the Portuguese Language (hereinafter LP) and its repercussion in teaching. He was interested first in understanding the communication of the students in the school, whose interest must be committed to the quality of teaching and re-understand the reasons.

Key words: Language, Oral or written oral and spoken speech

Résumé

Cette recherche présente la communication des enseignants et des étudiants du deuxième cycle de l'enseignement secondaire, à Luanda, dans les districts de Sequele, Cazenga, Sambizanga, Viana, en classe et / ou dans le lieu de service. Elle souligne l'existence de problèmes de langue et de communication dans les écoles de Luanda. Pour comprendre ces conflits, nous essayons de mettre l'accent sur la communication de l'enseignant et de l'élève en classe. Le but est de clarifier le langage et la communication utilisés dans la salle de classe ainsi que dans les terrains de l'école. Le sujet de recherche a permis au chercheur de réfléchir sur l'importance de la langue portugaise (ci-après LP) et de ses répercussions sur l'enseignement. Il s'est d'abord intéressé à comprendre la communication des élèves de l'école, dont l'intérêt doit être attaché à la qualité de l'enseignement et à en comprendre à nouveau les raisons.

Mots-clés: Langue, oral et oral

RESUMEN

Esta investigación presenta la comunicación de los profesores y alumnos del IIº ciclo de la enseñanza secundaria, en Luanda, en los distritos del Seque, Cazenga, Sambizanga, Viana, en el aula y / o en el lugar de servicio. Se enfatiza la existencia de problemas de lenguaje y de comunicación en las escuelas de Luanda. Para percibir de tales conflictos, buscamos resaltar la comunicación del profesor y alumno en el aula. El objetivo es aclarar el lenguaje y la comunicación utilizados en el aula así como en el recinto escolar. El tema abordado en la encuesta permitió al investigador a reflexionar sobre la importancia de la lengua portuguesa (en adelante LP) y su impacto en la educación. Interesó, primero, entender la comunicación de los alumnos en el recinto escolar, cuyo interés debe estar comprometido con la calidad de la enseñanza y volver a entender las razones.

Palabras claves: Lengua, Oralidad, discurso oral escrito y hablado

Introdução

Esta pesquisa apresenta a comunicação dos professores e alunos do IIº ciclo do ensino secundário, em Luanda, nos distritos do Sequele, Cazenga, Sambizanga, Viana, na sala de aula e/ou no local de serviço.

Ela enfatiza a existência de problemas de linguagem e de comunicação nas escolas de Luanda. Para percebermos de tais conflitos, buscamos salientar a comunicação do professor e aluno na sala de aula. O objectivo é esclarecer a linguagem e a comunicação usada na sala de aula assim como no recinto escolar.

O tema abordado na pesquisa possibilitou ao pesquisador uma reflexão sobre a importância da Língua Portuguesa (doravante LP) e sua repercussão no ensino. Interessou, primeiramente, entender a comunicação dos alunos no recinto escolar, cujo interesse deve estar comprometido com a qualidade do ensino e voltar a entender as razões. Segundo Palomo (201) ,dentre as inúmeras crises vivenciadas pela sociedade contemporânea, ressalta na comunidade sociocultural Luandense, a do ensino. No conjunto de factores capaz de impedir o sucesso da prática pedagógica, problemas de linguagem na sala de aula revelam-se sérios responsáveis por muitas das deficiências existentes. Diante do exposto fazemos a seguinte pergunta: *como o professor deve se comunicar na sala de aula? Que linguagem a utilizar na interação professor-aluno?*

Observamos que a linguagem real, ou seja, coloquial é usada na escola com muita frequência opondo-se à norma padrão que quase é inexistente. Sabemos que o papel da escola é de promover e proteger a norma padrão. Esta foi a razão que nos motivou a fazer esta pesquisa, no sentido de encontrar as respostas deixadas pelas perguntas.

O artigo está estruturado por cinco temáticas relacionadas com, **políticas educacionais, formação de docentes, importância da língua portuguesa, a língua portuguesa na escola e competência comunicativa.**

Palavras-chaves: Linguagem, Oralidade, discurso oral escrito e falado

1.1 Políticas Educacionais

Cabe ao Ministro da educação, o estabelecimento de políticas educacionais, por força da própria Lei¹ 13/01. Para tal conta o Ministro com a colaboração do Conselho Nacional de Educação.

Considerando que Ministros da educação são, em geral políticos e não pedagogos, as pessoas que querem implementar mudanças devem tentar convencer os políticos e aqueles que os assessoram da necessidade e dos benefícios dessas mudanças. Entendemos que o estabelecimento de uma política educacional sólida é particularmente difícil, pois as políticas educacionais são geralmente afetadas por políticas económicas e sociais, que nem sempre caminham de mãos dadas na direcção que seria ideal para a educação.

As mudanças sempre encontram barreiras, referimos-no de mudanças políticas . A complexidade é grande, as dificuldades são muitas, o OGE² para este ano é um exemplo no qual o sector de educação recebeu uma fatia insignificante, mas a questão deve ser enfrentada, pois políticas educacionais nacionais envolvem aspectos de grande importância para vários segmentos da população.

O processo de elaboração de uma política educacional eficaz consistente na fixação de uma série de objetivos, enunciados em termos concretos e práticos, que devem servir de guia para acção imediata contendo mecanismos de avaliação. Somos ainda de opinião que as medidas concretas de como atingir as metas devem estar claramente explicitadas.

Além do mais, os objectivos devem ter relevância para os sujeitos envolvidos e devem ser colocados em escala de prioridades; por exemplo, garantir um ensino de qualidade em oposição a construir mais escolas.

Para determinados políticos, a prioridade em relação à oposição citada como exemplo seria clara, uma vez que a escola construída, ou até em construção, tem maior visibilidade do que a qualidade do ensino, podendo, assim, carrear simpatia mais facilmente.

¹ Em 2001, a Assembleia Nacional da república de Angola aprovou a lei de base do sistema de educação (lei 13/01 de 31 de dezembro). Já revogada.

² Orçamento geral de estado de 2018

Parece claro que as decisões a respeito de questões de políticas educacionais não podem ser deixadas apenas nas mãos de políticos, embora em abono da verdade sejam eles, em última instância, os responsáveis legais pela fixação dessas políticas.

A necessidade de aceitação da política educacional pela população é fundamental. Portanto, mecanismos de consulta devem ser estabelecidos, para que se obtenham as opiniões de importantes sectores da comunidade. O conhecimento dos especialistas não basta. As acções da comunidade também são importantes.

O que nos interessa aqui é a educação em Angola, o descompasso de Angola com o resto do mundo, nesse sentido, é aterrador: os números relativos a analfabetos, iletrados, incapazes de receber ou de dar qualquer informação escrita são assustadores.

A maioria das crianças que saem da escola básica sai sem domínio da leitura. Há uma inadequação entre a escola e o produto que é o aluno, o que coloca Luanda entre as cidades mais atrasadas do país em relação à educação de base, embora seja a capital.

A conferência de Jontien, na Tailândia, em 1990, revelou os resultados de uma tese realizados em vinte países que colocou o ensino primário de Angola em último lugar, logo abaixo de Moçambique, com 85% de analfabetos funcionais, 28 anos depois estes números não foram alterados, ou seja, estamos na verdade estagnados num ambiente coberto de estatísticas duvidosas.

1.2 A importância da Língua Portuguesa

A língua portuguesa é para nós um património, pois ela é um factor cultural é através dela que todos os indivíduos se comunicam e por isso deve ser bem tratada, preservada e desenvolvida a par das nossas línguas africanas.

As autoridades angolanas adoptaram a língua do colonizador como língua oficial após a independência alcançada aos 11 de novembro de 1975. Na altura, depois de mais de quinhentos anos de escravidão, sem dúvidas a língua portuguesa era a única língua como opção para garantir a coesão.

Ela passou a ser um instrumento eficaz, quer para o dialogo intercultural, quer para a integração de Angola na comunidade internacional. Portanto, podemos constatar que o domínio da língua portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao

conhecimento, no relacionamento social com várias comunidades de falantes da língua portuguesa.

1.3 A Língua Portuguesa na escola

Em Angola ela é imprescindível uma vez que poderá conduzir os alunos ao sucesso escolar, visto que ela é o veículo de ensino desde a escola primária.

Entendemos que em Angola a disciplina de língua portuguesa representa um papel ainda mais importante, na medida em que, é uma língua de trabalho tal como já nos referimos, pois poderá jogar um papel importante para o apoio aos alunos, designadamente no desenvolvimento das suas competências, ajudando-os simultaneamente no sucesso das outras disciplinas e no futuro desempenho da sua profissão.

Entendemos que quanto melhor os alunos dominarem a língua portuguesa mais fácil será a apreensão e compreensão dos conteúdos das restantes disciplinas como: **Biologia, História, Geografia, Matemática, Física** de entre outras. Portanto podemos considerar sem medo de errar que a compreensão de todas as áreas do saber está à volta da língua portuguesa³.

O professor deve ministrar a aula a ponto de criar nos alunos o gosto pela disciplina e pela língua em si. É possível verificarmos que, principalmente no ensino secundário, os alunos demonstram uma admiração algumas vezes exacerbada pelo Inglês e Francês ao passo que a LP, apesar de carecer de tal, admiração, habitualmente não tem. Como consequência, os alunos apresentam insucesso na LP pelo facto de não mostrarem interesse em aprendê-la.

Segundo Almada (1977:9-10) a finalidade do ensino da LP é fazer com que os alunos adquiram um conhecimento satisfatório da língua corrente e sejam capazes de falar correctamente a LP. (...)

Nesta linha de ideias, o espaço reservado ao ensino e aprendizagem deve despertar nos alunos o gosto pela expressão oral em Português, em qualquer contexto que estiverem mesmo fora da escola.

³ A aquisição ou desenvolvimento da língua portuguesa permite que os alunos aprendam os conteúdos das restantes áreas do programa (Gomes et al 1º V e 2º Nível).

Segundo Amor (1993: 13), a condição fundamental para a aquisição /aperfeiçoamento de competências numa língua é o seu uso comunicativo- aprende-se a falar, falando.

Sendo assim, nunca é demais salientar que no que toca ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa é da tarefa do professor levar os alunos a serem competentes no uso desta língua especificamente no domínio oral, porque no espaço sala de aula o professor é que tem em abono da verdade o papel de ensinar os alunos conduzindo-os à aprendizagem significativa de qualquer disciplina.

Como disciplina, a LP contribui para o desenvolvimento dos alunos ao nível da compreensão e produção de discursos orais públicos. Permite que o aluno consiga interagir verbalmente de uma forma apropriada em situações formais, ainda possibilita que o aluno seja um leitor fluente e crítico.

Consta do currículo do 2º ciclo do ensino secundário o perfil⁴ de saída dos alunos da 12ª classe. Sendo assim, o que nos resta é sermos mais sérios e profissionais. Somos de opinião que o que acontece na sala de aula está intimamente ligado a forças sociais e políticas.

A linguagem é elemento fundamental para tudo que se passa na sala de aula, não somente na sala de aula de língua portuguesa, mas também na sala de aula de todas as outras disciplinas do currículo.

O conflito entre a linguagem do professor e a linguagem do aluno, principalmente decorrente de variantes dialetais menos privilegiadas, não é questão que pode ser desprezada.

O trabalho com a linguagem na escola é fundamental, já que é lá se está preparando os indivíduos para sua atuação como cidadãos com plena capacidade de atualizar seu potencial intelectual e afetivo na força de trabalho e na vida social como indivíduos esclarecidos e eficientes.

⁴ Perfil de saída dos alunos da 12ª classe: favorecer a utilização da Língua Portuguesa com correcção e fluência nos diferentes modos de comunicação. Currículo do 2º ciclo do ensino secundário reforma educativa p. 10.

1.4 Competência Comunicativa

Como educador, na aula de LP, o professor deve criar na sala um ambiente de confiança de forma a levar os alunos a participarem com interesse nas tarefas propostas.

Observamos que na escola, cada aluno tem a sua personalidade. Por conseguinte, há alunos tímidos que “entram mudos na sala e saem calados” e ainda há os desinibidos que sempre têm algo a pronunciar sem que o professor o estimule. Independentemente destas situações, cabe ao professor estar na posse de um conjunto de estratégias que estimulam os alunos tímidos ou menos desinibidos a participarem nas aulas expressando-se oralmente.

Desde o início da aula, o professor deve estimular os alunos a comunicarem em língua portuguesa expressando as suas ideias. A sala de aula constitui o berço principal em que os alunos irão aprender a desenvolver a capacidade da expressão oral exercitando a competência comunicativa.

Como já foi referido o objetivo primário da aula de língua portuguesa será sempre o desenvolvimento da competência comunicativa⁵ do aluno. É neste sentido que o professor ganha certa responsabilidade.

Segundo Reis et al. (1992:39) estimular a fala é um dos deveres do professor.

1.5 Formação do professor

A entidade empregadora tem um papel crucial na formação continua dos professores.

Uma política educacional não pode deixar de considerar com seriedade a questão da formação de docentes. Em relação à formação de docentes em nível de **licenciatura**, pergunta essencial a ser formulada é: *até que ponto a Universidade está preparando os futuros professores para liderança de maneira efetiva com questões ligadas ao*

⁵ “ A competência comunicativa, segundo Moirond (1982)apresenta várias componentes: uma linguística que consiste no conhecimento dos recursos formais de construções de mensagens e capacidade de utilizá-los. Engloba o saber e o saber fazer relacionados com a fonologia, léxico, a morfologia, a sintaxe, a semântica. A componente sociolinguística engloba as normas sociais e culturais (regras de tratamento, de saudação, rituais de pedidos de desculpas...tendo em conta a idade, o sexo, o estatuto dos interlocutores as diferenças de registos...). A componente referencial prende-se com o conhecimento dos conteúdos sobre os quais nos pronunciamos. A componente discursiva prende-se com o conhecimento dos modos de organização dos diferentes discursos.” (Tavares 2000:27).

Comunicação do professor na sala de aula

entendimento da linguagem como socialmente construída, elemento essencial no desempenho de todas as atividades humanas, em seu trabalho futuro em sala de aula?

Se em qualquer contexto a formação contínua do professor é necessidade que ninguém nega, no contexto educacional angolano assume carácter particularmente importante e mesmo emergencial.

O que deixou de ser feito nas escolas de formação de professores licenciatura deve agora ser suprido; o que deixou de ser feito em qualquer nível, às vezes, porque o professor não passou sequer por um curso com agregação pedagógica , deve ser feito agora para fornecer-lhe os instrumentos básicos conceituais e operacionais, em carácter de urgência e de emergência .

Observa-se sem muito esforço as carências no que se refere à capacitação profissional do corpo docente no cenário educacional angolano. Em muitas partes do país os professores não têm qualificação profissional e mal completaram as suas formações. São estes professores que vão se ocupar da educação do ensino primário e do 1º ciclo do ensino secundário.

Esses professores fazem todo tipo de sacrifícios para darem sua contribuição para o desenvolvimento da educação.

Entendemos que se trata de uma situação totalmente inaceitável, pois entendemos que o magistério, inclusive e principalmente no nível dos primeiros ciclos da educação, isto é, no ensino primário, deve ser encarado com profissionalismo, a fim de se garantir os requisitos mínimos no que se refere à formação de quem a ele se dedica. É esse um dever do Estado.

No processo de ensino-aprendizagem o professor actua como um orientador, daí ele estar comprometido na situação pedagógica.

A formação do professor tem por finalidade conceder-lhe competência em conduzir uma aula, de torná-la viva e ainda fazer participar os alunos.

Contudo ele não deve perder de vista as finalidades do ensino da LP que abarca vários aspectos como motivar os alunos para a leitura, ter boa escrita, desenvolver nos alunos a capacidade comunicativa através das aulas relacionadas com a oralidade, sem deixar de

mencionar a tarefa que o professor tem em ajudar o aluno na compreensão dos textos literários.

Nos anos 80 em Angola, a formação de agentes educativos era tida como algo inútil e, por consequência, a educação era entendida como uma ciência “secundária”. Os salários atrasavam 3 ou 4 meses ,provocando fuga de quadros para outras instituições que ofereciam melhores condições.

Para Sequeira (1993), a formação do professor visa acima de tudo dotá-lo de saberes e práticas para as atividades do ensino.

1.6 Apresentação do problema

Para que percebêssemos que os alunos apresentam o reflexo do que se passa em suas casas, ou seja, o fraco domínio da língua portuguesa em casa é o desencadeador do conflito entre a norma padrão e o que se fala hoje no dia-dia. Curioso é que são pais e encarregados de educação com idade compreendida entre 40 e 41 anos, ou seja, estamos a falar de encarregados de educação e pais que nasceram nos anos 1970, 71,72 e seguintes.

Dessa maneira, o que se pôde notar é que a comunicação que se faz hoje nas escolas é o reflexo do que se faz em casa. Isso nos leva a entender que muitos alunos dentro de dois anos chegarão ao ensino superior com as mesmas dificuldades na fala e na escrita.

Um dado curioso, que nos chamou atenção, é o facto de a maioria dos encarregados e pais entrevistados ser professores e estudantes universitários, era de se esperar uma competência na língua de trabalho.

Relativamente à segunda fase, constatamos que o fraco domínio da língua de trabalho pode estar atrelado ao hábito arraigado em anos de trajetória escolar, pois aquilo que compromete os hábitos, ou seja, que já se é costume daqueles que se mostram contra a norma padronizada.

Já em relação aos professores, o que se constatou, pelos dados coletados, foi que a trajetória escolar ter sido a responsável dessa **resistência**.

A comunicação na sala de aula é em abono da verdade um pilar importante na relação entre o professor e o aluno, por esta razão, saber se comunicar deve ser encarado como

um pré-requisito para todo e qualquer profissional, independentemente da sua área de atuação.

É imperioso que o professor fale e escreva e, mais que isso escrever correctamente. Isso sem dúvidas exige o domínio da língua portuguesa, que por sinal é a língua de trabalho tal como já afirmamos, as autoridades angolanas após a independência tiveram que adoptar a LP como língua oficial, transformando-a em instrumento de unidade nacional, sendo uma língua obrigatória nos sectores mais atuantes como no sistema educativo, na administração pública e no sistema judicial e jurídico como se poderá ver plasmado na constituição da república⁶.

Para Pinda Simão⁷ (2014), *um dos grandes constrangimentos que se verifica no sistema de ensino em Angola passa pelo fraco domínio da língua portuguesa pelos alunos e até mesmo por alguns professores.*

Segundo o governante, a limitação dos professores afeta o desempenho dos alunos nas salas de aulas.

De facto é preocupante, pois encontramos profissionais com uma idade compreendida entre 40 a 44 exercendo a profissão de professores sem, no entanto terem domínio da língua de trabalho. Entendemos que no mínimo esses profissionais deveriam falar e escrever correctamente a língua Portuguesa.

Luanda é uma cidade onde, em quase todas as escolas, encontramos professores oriundos de outras províncias, que constituem o nosso país, ou seja, uma boa parte de professores não é natural de Luanda.

Trouxeram para capital seus hábitos, isto é, forma de ser, de estar e de falar.

O êxodo que se verificou a partir dos anos 90, 91 e 92 foi marcado historicamente pela guerra que assolou o país, é erro imaginar que as riquezas sejam somente culturais ou de recursos naturais.

⁶ Art. 19 nº 1 e 2 da constituição da república de Angola 2010.

⁷ Ministro da educação, no III congresso internacional de Língua Portuguesa, que contou com especialistas de Angola, Moçambique, Cabo-verde, São-Tomé e príncipe, Timor-leste e Brasil, na Universidade Jean Piaget em Luanda, entre 18 a 20 de setembro de 2014.

Comunicação do professor na sala de aula

A riqueza também está presente no falar das populações, que ao longo dos anos criaram suas próprias expressões.

O fenómeno *lhe* no lugar de *o/a* e a expressão *embora que* no lugar de *embora* e a expressão *apesar que* no lugar de *apesar de*, são sem dúvidas marcas do português de Angola que vai se generalizando como variante do PE, mesmo assim ainda é considerado fora da norma culta.

Segundo Lopes Semedo⁸ (2015), quem não se expressa correctamente e adequadamente na língua em que se ensina e aprende, e, do mesmo modo, não a compreende, terá, indubitavelmente, maiores dificuldades.

É curioso o facto de alguns professores apresentarem ainda um desconhecimento da língua de trabalho e sendo assim são eles os desencadeadores de irregularidades observadas na forma como os alunos falam a língua Portuguesa.

O que se procurou analisar especificamente neste trabalho foi a presença do fenómeno *lhe*, em que o pronome pessoal complemento indirecto é empregado no lugar de complemento directo.

Observemos os enunciados:

1.

a) Nunca mais lhe vi na sala dos Professores⁹.

b) Não admito falta de respeito, embora que o pai do aluno é oficial superior da policia¹⁰.

c) Apesar que os alunos são indisciplinados lhes dei mais 2 valores a cada um¹¹.

O enunciado 1 (abc) apresenta frases marginais pelo facto de os autores apresentarem instabilidade na sua comunicação. Torna-se evidente que as crateras no sistema linguístico são decorrentes de insuficiência de varia ordem, que na verdade são inaceitáveis, pois podem carrear contágio aos alunos.

⁸ José Lopes Semedo, Reitor da Universidade Gregório Semedo, em entrevista ao semanário expansão número 323 de 12 de junho de 2015, p. 22

⁹ Professora de Matemática da 10ª classe. Turno de tarde, ano lectivo 2015, na sala dos professores.

¹⁰ Professor de Biologia, 10ª classe. Turno de tarde, ano lectivo 2015, na sala dos professores.

¹¹ Professor de física, 10ª classe. Turno de tarde, ano lectivo 2015, na sala dos professores.

Neste âmbito somos confrontados com um sistema linguístico que é responsável no infortúnio escolar a todos os níveis do ensino.

O desempenho linguístico de a maioria dos professores nem sempre se pautou pela convergência com a norma do PE¹², isto evidencia certa heterogeneidade na sua formação.

2.Observemos os seguintes enunciados:

a) **Vou te queixar** no teu pai.¹³

b) **Não lhe** vi na Assembleia dos trabalhadores,mas **lhe** vi na planificação.¹⁴

c) Você **sumiste**.¹⁵

À semelhança do que se verifica com outros enunciados anteriores a este,o enunciado em (2a), traduz ou caracteriza-se , de igual modo, pelo desconhecimento da estrutura verbal **queixar-se de**, que obrigatoriamente exige a preposição **de**.

Em (2b), o dativo **lhe** não se relaciona com o verbo **ver**, logo é muito estranho esta estrutura no PE. O enunciado (2c), é marcado pela falta concordância entre o Sujeito e o verbo, é muito comum noportuguês cotidiano,mas não esperavamos que tal fenómeno se verificasse nas escolas. Em suma os enunciados (2abc), são marginais. Na variante sociolinguística em estudo é sabido que tal critérios não se coadunam com o PE, ao passo que no PA¹⁶ é muito frequente,como se pode reparar,os autores são professores.

Reconheçamos, antes de tudo, que as causas do conflito com a norma do Português padrão são múltiplas em Angola. Maria Helena (2014:22) oferece-nos o seguinte depoimento: *“nos primeiros anos de independência, a cooperação estrangeira que leccionou em Angola, de nacionalidades muito variadas*

¹² Português Europeu

¹³ Professor de história 10ª classe curso de Ciências humanas, turno, manhã, 2018,escola do Sequele.

¹⁴ Professor de língua Portuguesa em conversa com colega , na sala de sumário. Escola do Sequele, manhã,2018.

¹⁵ Responsável de uma escola, no Sequele, 2018.

¹⁶ Português Angolano: Variante do português Europeu que vai ganhando espaço.

Comunicação do professor na sala de aula

(cubanos, búlgaros, congoleses, zairenses, alemães, russos, vietnamitas, jugoslavos, etc), não tinha o domínio da língua de ensino. Os cubanos (a cooperação mais numerosa) raramente chegavam a falar português: usavam o espanhol como língua de escolaridade ou, pelo menos, a que muitos chamam de portunhol. Nestas condições, as oportunidades de os alunos encontrarem modelos linguísticos eram muito escassas” .

1.7 Metodologia

A metodologia é caracterizada por um enfoque misto, a modalidade de investigação é exploratória, sendo o desenho de investigação o não experimental, a área de estudo é de ciências sociais, a natureza das variáveis é caracterizada em qualitativa e quantitativa de abordagem transversal, cuja técnica e instrumento de coleta de dados foi o inquérito por questionário.

Quanto à pesquisa de campo nas escolas, o resultado obtido, na primeira fase, constatou que: vários factores contribuíram para a situação que se vive hoje. A forma como os alunos falam e escrevem levou-nos a estabelecer um contacto com os encarregados e pais e professores para que pudéssemos perceber o fenómeno.

Os resultados não tardaram a chegar e são impressionantes, Como mostram os números a seguir: com base em 50 entrevistados com pais alunos e professores, dos quais “sem educação é impossível vencer na vida“ (75%), “*estudar é muito importante*“ (89%), “*é fundamental saber ler*“ (90%), “*é importante saber expressar seus pensamentos por escrito*” (79%), “*LP é a disciplina mais importante*” (99%), “*matemática é a mais importante*” (95%).

Os entrevistados por intuição têm os mesmos objectivos, até mais explícitos dos encontrados na Lei 13/01 de 31 de dezembro. A população sabe o quer para educação de seus filhos. Pode, portanto, participar dando importante contribuição.

Conclusão

Depois da análise efectuada dos mecanismos de linguagem em termos de comunicação na sala e no local de trabalho,concluímos que os autores claudicam pelo facto de possuírem fraco domínio da língua de trabalho. Curioso é que são professores que têm a missão de ensinar e como vimos são eles que mais erram quer na escrita como na oralidade, tornando assim mais difícil o processo de aprendizagem. A matéria em análise, na variante sociolinguística é decorrente de um mau serviço prestado pelas instituições,ou seja, a língua portuguesa tem sido mal gerida, observa-se que qualquer professor pode leccionar a disciplina de língua Portuguesa isso por culpa de alguns directores de escolas e como consequência há muitas reprovações que se traduzem em insucesso escolar.

Hoje temos nas escolas professores e alunos que apresentam um cocktail de erros na oralidade e na escrita.

Referências

ALMADA, D.D. (1997) Uma nova pedagogia do ensino do português em Cabo-Verde, in Revista Raízes nº 2ano 1, Abril- Junho-imprensa praia.

AMOR, E. (2001) A oralidade na escola e na aula de Língua Portuguesa, in didáctica do Português, Lisboa: Texto editora.

AMOR, E. (2001) Utilizar técnicas de comunicação, in didáctica do Português, Lisboa: Texto editora.

GOMES, A. et al.(1991) Guia do professor de Língua Portuguesa, 1º volume,3ºNível,fundação Calouste Gulbenkian/Lisboa.

LAMAS, E.P. R., et al. (2007) Técnicas de Expressão oral e escrita, Edição: Instituto Superior de Língua Portuguesa, Setembro.

Comunicação do professor na sala de aula

MIGUEL, Maria H. (2014) *Dinâmica da pronominalização no Português de Luanda.* Luanda, Mayamba editora.

POSTIC, M., (1990) *Observação e Formação de Professores.* Coimbra, Almeida.

REIS, et al.(1992) *Didáctica do Português,* Lisboa: Universidade Aberta.

SEQUEIRA, F. et al. (1993) *Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa,* Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.

TRINDADE, A.R. (1990) *Introdução à Comunicação Educacional.* Lisboa: Universidade Aberta.

www.wikipedia.org (acesso a 23.04.2009).